

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO-LEITÃO

SANTA TERESA - ESPÍRITO SANTO - BRASIL

BIOLOGIA - N. 18 - 21 de Outubro de 1956

A Trochilifauna de Porto Alegre e arredores.

Augusto Ruschi
Museu Nacional

I — INTRODUÇÃO

Em junho do corrente ano de 1956, atendendo ao convite do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, para em mesa redonda com os técnicos do Instituto de Pesquisas Veterinárias «Desidério Finamour», da Diretoria da Produção Animal da Secretaria da Agri-Indústria e Comércio, discutir o problema do combate aos morcegos hematófagos, responsáveis pelos surtos de Raiva, no rebanho bovino, em cerca de 32 municípios, estivemos visitando vários municípios, para os estudos preliminares do problema, já tido como de calamidade pública. Após os estudos de campo, realizamos duas palestras especializadas sobre o assunto e foram iniciados os trabalhos, com a cooperação do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão e I. P. V. D. F.

Nos dias de folga, nos dedicamos ao colecionamento e observações sobre os trochilídeos de Porto Alegre e arredores. Ficamos alojados no Hotel Umbú, onde um amplo apartamento dispunha de cômodo para as gaiolas e abrigo para os beija-flores vivos. O tempo dessa estadia foi de vinte dias, sendo oito dias empregados nos trabalhos e excursões para com essas aves.

II — TOPOGRAFIA, CLIMA E FITOFISIONOMIA

A topografia de Porto Alegre e arredores é suave, com pequenas ondulações e baixadas, sendo mais raros os terrenos de encostas íngremes; sempre os terrenos acidentados descambam em declive moderado, prolongando-se atenuadamente até as margens dos Rios Guaiába, Gravataí e Jacuí, e também a Lagôa dos Patos. Geologicamente, os terrenos litorâneos pertencem ao Quaternário atual e possuem uma vegetação tipo restinga; as baixadas do norte Porto Alegrense, são formadas de solos arenosos pobres, resultantes da decomposição do arenito Botucatu; na parte Sul, no Archeozoico, o complexo cristalino Brasileiro. O clima é úmido mesotermal com chuvas distribuídas e verões quentes. O inverno é frio e seco, com bastante nebulosidade e com forte sopro minuano na estação própria, que não deixa condensar a geada com facilidade, como acontece com frequência no planalto. A grande oscilação térmica entre o verão e inverno é um

característico muito significativo para a sua trochilifauna; sendo a influência altitudinal um fator mais forte do que a latitudinal, logo se depreende a facilidade com que a espécie *Stephanoxis loddigesi* (Gould) alcança essa região de pouca altitude, chegando às margens da Lagôa dos Patos, de vez que está não muito longe do planalto, que é o seu habitat mais natural.

Outrora, tôda a região Porto Alegrense era de mata, como o foram Gravataí e Guaíba. Hoje é possuidora de áreas de campos de macega, de vegetação ereta e robusta, como se observa nos arredores do I. P. V. D. F.; de campo sub arbustivo ou sujo, com tapete vegetal baixo, tendo espécies mais altas esparsamente distribuidas e o grama-do, cujo revestimento vegetal é denso, baixo, formando uma vegetação verde vivo, que cobre todo o solo, e estão formados onde é maior a concentração de umidade, junto aos capões, nos vales e baixadas. O campo limpo, com a característica barba de bode, *Aristida palens*, é raro. Os campos das encostas e dos lugares montanhosos, estão invadidos por vegetações arbustivas e quando estão mais descuidadas se transformam em capoeiras, como acontece para a região de Nazareth; êles teem em comum os campos sujos, em terrenos ácidos a Pteridófita cosmopolita, *Pteridium aquilinum*. As ravinas ou florestas galerias, ou mata ciliares e os capoeirões, são encontrados em pequeno número, próximo dos córregos e lugares mais pantanosos; nestas, observamos nas margens do Guaíba uma vegetação arborea, formada principalmente de *Myrsine umbellata*, *Erythrina cristagalli* e *Excaecaria biglandulosa*. As florestas artificiais para o aproveitamento do lenho, são de várias espécies de *Eucalyptus*, e também de *Acacia* negra, *Acacia decurrens*, para o aproveitamento do tanino, fornecido pelo seu cortex, não há um reflorestamento com espécies regionais ou nacionais. Os trabalhos de Leofgren, Lindman e J. Rambo, secundados por R. Reitz e Liman Smith, sôbre a flora Rio Grandense, nos permitiram a identificação de grande parte do material botânico que ali coletamos, o que eram de interêsse para o estudo da trochilifauna dessa importante região sul-brasileira.

Na distribuição da vegetação dos campos Porto Alegrenses a família Botânica que tem maior número de espécies representadas é a das Compositas; em importância sem dúvida estão as gramíneas, notando-se ainda algumas Bromeliaceas, Solanaceas, Melastomotaceas e Pteridophytas; certas Moraceas do Genero *Cecropia*, Araliaceas e Anonaceas, também foram observadas nesses campos. Os locais de maiores altitudes percorridos foram: Morros de Santana, Policia, Terzopolis, Santa Teresa, Pedra Redonda e Itapoan.

RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES BOTÂNICAS OBSERVADAS

Entre as Gramíneas: *Panicum maximum* Jacq; é o capim colônião,

muito difundido nas pastagens de Guaíba, onde o colmo é aproveitado para o fabrico de celulose; *Panicum spectabile* Nees, capim d'Angola, plantado nos lugares mais úmidos; *Panicum crusardeae* Willd.; grama de banhado, milho; *Pennisetum purpureum* Schum. capim elefante; *Andropogon rufus* Kth; capim jaraquá; *Paspalum guenoarum* Arech.; *Paspalum plicatulum* Michx.; e *Paspalum Nicorae* Par. são as mais comuns gramíneas nos campos de criação; *Agrostis montevidensis* Spreng.; capim mimoso; *Oxalis campestris*, macaí, e *Melinis minutiflora* Beauv. capim gordura: este último, invadindo as montanhas abandonadas.

Entre as Leguminosas: *Lupinus lanatus*; *Lathyrus nervosus*; *Tribolium polymorphum* e *Vicia obscura*, são as mais comumente encontradas nos morros.

Entre as Melastomataceas: *Leandra australis*; *Leandra oligochaeta*, ambas das margens dos córregos e banhados, sendo a última formadora do piso superior e a primeira vivendo na sombra; *Tibouchina asperior*, forma sociedades extensas nos pântanos; é arbusto ereto e forte; *Tibouchina gracilis*, vive em lugares úmidos e nas baixadas secas da zona campestre, é de porte médio, chega a 1,5 metro de altura *Tibouchina debilis*, é encontrada nos rochedos úmidos e nos terrenos turfosos, juntamente com *Lobelia camporum*, *Linum brevifolium* e *Gaylussacia brasiliensis*; é pequena, atingindo meio metro de altura. *Miconia hyemalis*, é uma árvore pequena e muito comum nas matilhas de mirtáceas, em todos os ambientes; úmidos ou secos. Entre as Pteridófitas, podemos observar as Hymenophyllaceas rasteiras: *Hymenophyllum caudiculatum*, nos morros; *H. hirsutum*; *Trichomanes emarginatum*; *T. hymenoides* e *T. tenerum*; entre as Cyatheaceas arborescentes: *Alsophila arbuscula*; *Cyathea feei*, *Dicksonia sellowiana* e *Hemitelia setosa*; entre as Polypodiaceas, a cosmopolita *Pteridium aquilinum*.

Entre as Araceas: *Anthurium Scandens*, nas matas ciliares; *Spathicarpa hastifolia*, no morro da Gloria e nas águas marginais do Rio Guaíba a *Pistia stratiotes*.

Entre as Sapindaceas: *Serjania laruetteana* e *Matayba elaeagnoides*, nos campos; *Paullinia elegans*, próximo ao pântano e *Cupania vernalis*, na mata ciliar.

Entre as Bromeliaceas: *Dickia leptostachya*; *D. maritima*; *D. remotiflora* var. *montevidensis*; *D. choristaminea*; *Bromelia antiochantha*; *Aechmea recurvata* var. *recurvata*; *Tillandsia geminiflora* var. *geminiflora*; *T. stricta*; *T. pulchella* var. *surinamensis*; *T. aeranthos*; *T. recurvata* e *T. usneoides*.

Entre as Mirtáceas: *Phyllocalyx involucratus*, cereja do mato, é encontrada nas capoeiras onde também está a pitangueira; *Eugenia pungens*, guabijú; *Campomanesia rhombea*, guabiroba miúda, muito ornamental, é frequente nas margens do riacho Viamão;

Myrciaria jaboticaba, jaboticaba comum nos quintais e pomares; *Hexachlamys edulis*, pêssego do mato, é silvestre e também cultivado; *Phyllocalyx retusus*, laranjinha do mato, vive nas baixadas úmidas, é umbrófila, sempre encontrada em grande número de exemplares; *Stenocalyx dasiblastus*, pitangueira, encontrada tanto nos matos baixos das margens dos riachos, como nas capoeiras dos morros e margens das estradas. Tôdas são frutíferas e muito apreciadas pelas populações locais. *Blepharocalyx brunneus*; *Campomanesia rhombea*; *Myrcia crassifolia* e *Psidium incanum*.

Entre as Amarilidaceas: *Aloe vulgaris*, babosa, muito frequente em densas formações, nos terrenos pedregosos e nos morros.

Entre as Compositas: *Panaphalea comersonii*; *Heterothalamus psidioides*; *Hysterionica pinifolia*; *Schlechtendalia luzulifolia*, encontrada nos morros; *Trichocline foliosa*, cravo do campo; *Codonorchis canisioi*; *Grindelia puberula*; *Hieracium comersonii*; *Eupatorium asclepiadeum*; *E. bupleurifolium*; *E. ceratophyllum*; *E. crenulatum*; *E. linifolium*; *E. maximiliani*; *Mikania biformis*; *M. cynanchifolia*; *M. glomerata*; *M. hirsutissima*; *M. paniculata*; *M. rufescens*; *M. lagoensis*; *Bacharis anomala*; *B. elaeagnoides*; *B. affinis*; *B. refracta*; *B. rotundifolia*; *B. spicata*; *Vernonia puberula* e *Ambrosia artemisiifolia*.

Entre as Moraceas: *Cecropia lyratiloba*, é a mais frequente.

Entre as Anonaceas: *Rollinia emarginata*, nas matinhas campestres.

Entre as Palmae: *Geonoma schottiana*.

Entre as Rutaceas: *Esenbeckia grandiflora* e muitas espécies do Gênero *Citrus*, cultivadas e de grande frequência nos laranjais, onde suas flores são visitadas pelos trochilídeos, em elevado número.

Entre as Juncaceas: *Juncus capillaceus* e *Juncus marginatus*.

Entre as Aquifoliaceas: *Ilex pseudobuxus*, é um arbusto típico da matinha paludosa.

Entre as Araliaceas: *Gilbertia cuneata*, só encontrada em abundância nos campos.

Entre as Guttíferas: *Rheedia Gardneriana*, das matas brejosas.

Entre as Rhamaceas: *Colubrina rufa*.

Entre as Cyperaceas: *Fimbristylis diphylla*.

Entre as Solanaceas: *Datura stramonium*, nos depósitos de lixo e na beira dos caminhos do Guaíba; *D. fastuosa*, trombeta roxa; *D. suaveolens*; *D. arborea*, com flores alvas e grandes; *D. sanguinea*; tôdas conhecidas por trombetas. *Solanum insidiosum*, conhecida por jurubeba, é o seu fruto muito apreciado pelos qui-róteros frutívoros.

Entre as plantas ruderais, anotamos a presença de: *Apium Ammi*, das Umbelíferas; *Polygonum acre*, das Polygonaceas; *Melochia pyramidata*, das Sterculiaceas; *Bidens pilosa* e *Solidago micro-*

glossa, das Compositas e *Richardsonia brasiliensis*, das Rubiaceas. Nos jardins das áreas urbanas e rurais, observamos como principais espécies de flores apreciadas pelos trochilídeos, as seguintes: *Canna indica*; *C. angustifolia*; *Carica papaya*; *Fucsia integrifolia*; *F. coccinea*; *Poinsettia pulcherrima*; *Gladiolus communis*; *Salvia splendens*; *S. coccinea*; *Poinciana régia*; *Abutilon striatum*; *A. Bedfordianum*; *A. longifolium*; *Hibiscus rosasinensis*; *Eucalyptus robusta*; *Musa paradisiaca*; *Eriobotrya japonica*; *Citrus aurantium*; *C. limon*; *Nicotiana Langsdorffii*, *N. tabacum*; *Dombeya Wallichii* e *Sanchezia nobilis*.

III — CONSIDERAÇÕES SOBRE A TROCHILIFAUNA SUL RIOGRANDENSE

A latitude que abrange a região Sul Riograndense, já é um elemento de grande influência na distribuição dos representantes da família Trochilidae, pois ela é originária dos Andes Equatorianos, e sem dúvida exatamente à latitude 0, e daí, tanto para a latitude Norte, como para a Latitude Sul, as espécies foram se escasseando. Justamente o Estado do Rio Grande do Sul é no Brasil, o mais pobre em espécies.

Outro fator que concorre para a pobreza das espécies representadas e o número de indivíduo é a vegetação campestre como dominante, pois nessas regiões a sucessão da floração das espécies botânicas nectaríferas, preferidas pelos trochilídeos é também muito escassa.

Enquanto assinalamos para a região de campos Cerrados de Caceres em Mato Grosso, a uma latitude Sul de 16 graus, 27 espécies de Trochilídeos, assinalamos para a região presente a uma latitude Sul de 30 graus, 17 espécies. Ainda devemos considerá-la como região limítrofe, sendo muito próxima do planalto, pois logo ao sul, numa latitude de 32 graus, não chegam a dez o número de espécies representadas.

LISTA DOS TROCHILÍDEOS COLECIONADOS

- 1 — *Phaethornis eurynome* (Lesson) - Beija flor da mata.
Porto Alegre, 28-6-56, na mata ciliar do Rio Viamão, 1 m. O exemplar colecionado tem a parte dorsal e ventral mais escuras do que os exemplares de Santa Teresa, E. Santo.
- 2 — *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) - Beija flor tezoura.
Porto Alegre, 3-7-56, nas flores de citrus, na margem da estrada de rodagem para Viamão, 1 m. Não possui as retrizes externas com o comprimento máximo e também as primeiras remiges não estão com o alargamento do raquis formado, o brilho da cabeça, garganta, pescoço e região do peito é de um roxo intenso, com reflexos azulados.

- 3 — *Melanotrochilus fuscus* (Vieillot) - Beija flor preto.
Porto Alegre; 3-7-56. nas flores de citrus, na margem da estrada de rodagem para Viamão, 1 m. e 1 f. São exatamente idênticos aos exemplares colecionados no E. Santo e Bahia.
- 4 — *Aphantochroa cirrochloris cirrochloris* (Vieillot) - Beija flor pardo.
Porto Alegre, 3-7-56, nas flores de citrus, na margem da estrada de rodagem para Viamão, 1 m. A região dorsal tem um verde mais intenso e com maior brilho do que os exemplares do E. Santo, Rio, Minas e Bahia.
- 5 — *Amazilia versicolor versicolor* (Vieillot) - Beija flor verde.
Porto Alegre, 3-7-56, nas flores de citrus, na margem da estrada de rodagem para Viamão, 1 m. É o beija flor mais abundante em visita as árvores floridas de citrus, e o mais belicoso. Não há diferença dos exemplares colecionados no Rio e E. Santo.
- 6 — *Amazilia brevirostris* (Lesson) - Beija flor.
Porto Alegre, 3-7-56, nas flores de citrus, na margem da estrada de rodagem para Viamão, 1 m. e 1 f. É também abundante na região, nas flores de citrus. Sua coloração é menos intensa do que os exemplares do E. Santo e Bahia.
- 7 — *Hylocharis chrysura chrysura* (Shaw) - Beija flor dourado.
Porto Alegre, 6-7-56, nas flores de citrus, próximo ao «Parque Menino Deus», 2 m. e 1 f. É muito comum esta espécie na parte urbana e sub-urbana de Porto Alegre, não observamos qualquer diferença dos exemplares da região do cerrado Matogrossense.
- 8 — *Chlorostilbon aureoventris berlepschi* (Pinto) - Beija flor do bico vermelho.
Porto Alegre, 8-7-56, nas flores de citrus, na estrada que vai para São Leopoldo, 2 m. Esta espécie é muita comum em Uruguayana, onde também conseguimos seu ninho com jovens.
- 9 — *Thalurania glaucopis* (Gmelin) - Beija flor da cabeça azul.
Porto Alegre, 8-7-56, na estrada de rodagem que vai para São Leopoldo, 2 m. e 1 f. É também esta espécie muito comum em Porto Alegre, especialmente nas flores de citrus.
- 10 — *Colibri serrirostris* (Vieillot) - Beija flor de canto.
Porto Alegre, 8-7-56. na estrada de rodagem que vai para São Leopoldo, em flores de citrus, 1 m. O exemplar colecionado não está ainda com a plumagem completa de adulto, tanto a garganta não possui o azul brilhante, como o pescoço não apresenta as orelhas de penas avermelhadas, muito desenvolvidas.
- 11 — *Anthracothorax nigricollis nigricollis* (Vieillot) - Beija flor.
Porto Alegre, 8-7-56, em flores de citrus, na margem da estrada para São Leopoldo, 1 m. Tem a mesma coloração e dimensões dos exemplares de outras regiões brasileiras.
- 12 — *Leucochloris albicollis* (Vieillot) - Beija flor de papo branco.
Porto Alegre, 8-7-56, em flores de citrus, na margem da estrada.

- da para São Leopoldo, 1 m. Sua coloração verde é mais intensa do que os exemplares de Santa Teresa, E. Santo.
- 13 — *Clytolaema rubricauda* (Boddaert) - Beija flor estrêla.
Porto Alegre, 8-7-56, em flores de citrus, na margem da estrada para São Leopoldo, 1 m.
- 14 — *Heliomaster furcifer* (Shaw) - Beija flor.
Porto Alegre, 4-7-56, em flores de *Eucalyptus robusta*, na margem da estrada para Viamão, 1 m. O exemplar colecionado tem as dimensões e coloração idêntica aos exemplares colecionados em Cáceres, Mato Grosso, não apresenta a mancha da garganta ainda completa, mas esse característico na espécie, conforme pudemos observar no Trochilidario do Museu de Biologia é apresentado somente na ocasião do amadurecimento sexual e período de reprodução, depois toma a parte ventral, novamente a coloração cinza e branquiçada como da fêmea, é um dos únicos trochilídeos cuja mudança de coloração das penas brilhantes se torna opaca por influência hormonal e funções endócrinas, havendo a muda, com a troca das penas de pigmento iridescente, por penas sem esses pigmentos.
- 15 — *Calliphlox amethystina* (Boddaert) - Beija flor mosca.
Porto Alegre, 4-7-56, em flores de *Eucalyptus robusta*, na margem da estrada para Viamão, 1 m. Exemplar ainda jovem.
- 16 — *Lophornis magnificus* (Vieillot) - Beija flor de topete vermelho.
Porto Alegre, 4-7-56, em flores de *Eucalyptus robusta*, na margem da estrada para Viamão, 1 m. e 1 f. Ambos idênticos aos colecionados no E. Santo e Mato Grosso.
- 17 — *Stephanoxis loddigesi* (Gould) - Beija flor de topete azul.
Porto Alegre, 4-7-56, em flores de *Dombeya Wallichii*, nas proximidades do Sanatório Belem, 1 m. e 1 f. Este beija-flor vive nas capoeiras em todos os lugares de Porto Alegre, e também o observamos com frequência nos jardins residenciais da zona da cidade, em visita as flores de *Abutilon striatus*, *Salvia splendens* e *Citrus*. Tivemos ocasião de observá-lo em São Leopoldo, Caxias do Sul e Viamão. É de hábitos idênticos a *S. lalandi* (Vieillot) e o seu ninho, conforme já descrevemos é também muito semelhante. Sempre prefere fazer o seu pouso de descanso diurno, na capoeira, entre a ramagem de uma macieira, a pouca altura do solo, um metro ou pouco mais. Nos meses de verão ele é muito raro nas baixadas Porto Alegrenses, nessa ocasião ele se abriga no planalto ou nas montanhas da parte norte. A espécie *S. lalandi* vive na região limítrofe dos Estados do Rio, Minas e E. Santo, no Pico da Bandeira e Serra do Caparaó, e também na Serra da Mantiqueira e Serra dos Órgãos, sempre em altitudes superiores aos mil metros e vão até as altitudes máximas do Brasil, ou seja dois mil e novecentos

metros, sendo esta a única espécie da família que no país pode ser considerada de altitude.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — BOUCARD, A
1894 - Gen. Hum. Bds.
- 2 — BERLEPSCH, H. F.
1908 - Nov. Zool. XV
- 3 — CORY, C. B.
1918 - Cat. Bds. Am. Vol. XIII p. II n. 1 Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.
- 4 — GOULD, J.
1861 - Monog. Trochil.
1880 - Monog. Trochil. suppl.
- 5 — HARTERT, E.
1900 - Das Tierr. Trochil.
- 6 — HELLMAYR, C. E.
1906 - Bull. Brit. Orn. Cl. XVI
Nov. Zool. XIII. Tring. Mus.
1907 - Bull. Brit. Orn. Cl. XXI
Nov. Zool. XIV. Tring. Mus.
1908 - Nov. Zool. XV. Tring. Mus.
1910 - Nov. Zool. XVII. Tring. Mus.
1915 - Verh. der Ornith. Gesell. Bayern., XII
- 7 — IHERING, H. V. e R. V. IHERING
1906 - As Aves do Brasil - Cat. Vol. I
- 8 — IHERING, H. V.
1900 - As Aves do Estado do Rio Grande do Sul - Anuário do Rio Grande do Sul.
- 9 — LESSON, R. P.
1829 - Hist. Nat. Ois. Mouches.
1832 - Hist. Nat. Colibris Suppl.
1858 - Hist. Nat. Ois. Mouches. Suppl.

- 10 — JARDINE, W.
1837 - Ornith. III Thell Die Colibris.
- 11 — NAUMBURG, E. M. B. e CHERRIE, G. K.
1930 - The Birds of Matto Grosso, Brasil. Bull. of The Am. Mus. of Nat. Hist. Vol. LX.
- 12 — PETERS, J. L.
1951 - Check List of Birds of the World
- 13 — PINTO, O. M. de O.
1938 - Rev. Mus. Paul. T. XXII - Vol. I — Cat. Av. Brasil.
1952 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. X. n. 9 — Aves do Itatiaia.
- 14 — RUSCHI, A.
1949 - Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, nrs. 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12 e 17.
- 15 — SALVIN, O.
1892 — Cat. Bds. Brit. Mus. XVI
- 16 — SIMON, E.
1921 - Hist. Nat. Des Trochil.
- 17 — SIMON, E. e HELLMAYR, C. E.
1908 - Nov. Zool. VI
- 18 — ZIMMER, J. T.
1950 - Am. Mus. Novit. n. 1450 - Studies of Peruv. Bds. n. 56.
Am. Mus. Nov. n. 1463 - Stud. of Peruv. Bds. n. 57.
1953 - Am. Mus. Nov. n. 1604 - Stud. of Bds. Peruv. n. 63.
- 19 — MARTIUS, C. F. P. VON
1840 - 1906 - Flora Brasiliensis.
- 20 — SMITH, L. B.
1955 - The Bromeliaceae of Brazil.
- 21 — RAMBO, B.
1949 - 56 - Anais Botânicos do Herbario «Barbosa Rodrigues» nrs. 1 a 7.